

Tadzio Veiga

ALCANÇAR (TODAS) AS SINGULARIDADES | POUCO SE FODER PARA AS SINGULARIDADES

Temos percebido, nos últimos anos, um grande interesse em criarmos cenas que refletem sobre “outros modos de existência”, isto é, desconstruções da normatividade, ecologias do cotidiano e outras micropolíticas que parecem envolvidas nos desdobramentos do pós-estruturalismo e da retomada de saberes esquecidos e aniquilados pela ciência régia (a detentora do próprio status de ciência). Por vezes, as cenas em si (suas execuções), são colocadas como modos de existir – tem sido um caso recorrente na dança, mas ocorre também em formatos de teatro e de performance.

O que venho colocar está nas salas de espetáculo, mas também está nas salas de ensaio. Está nos artistas da cena, nos espectadores da cena (muitas vezes, também artistas). Isto está nos espaços de formação livre, acadêmica e técnica, está nas pós-graduações e nos congressos. Está no projeto enviado ao edital, sobretudo nos campos de “relevância”, “justificativa”, “contrapartida”. Está na avaliação desses projetos todos. Daí o estranhamento em colocar em conversação isso tudo, pois diremos e sabemos: “isso tudo é muito importante”. Ainda assim, tem me parecido haver uma precipitação de fadiga... e essa precipitação tem sido mais comum nos bares, após assistirmos teatro e dança, do que nas rodas de conversa promovidas pelos próprios grupos de teatro e de dança. Essas aparições de fadiga devem ser observadas, não me cabe a opinião de que sejam desinteresses que tão simplesmente refletem a política de desmonte que nos encontramos atualmente.

No exercício de pensar sobre isso, preciso dizer, faço uso do texto de um autor e professor francês (sim, de um francês...): o livro “Contra o teatro político”, publicado em francês e em português de Portugal (as citações que faço são retiradas na íntegra desta última versão), de Olivier Neveux, que trata de um conjunto de aparições teatrais e das respectivas políticas culturais de efetivação dessas cenas no território francês. Se puder resumir, Neveux nos questionará se o empenho politizante do teatro (garantido e justificado pelas leis de fomento e outros incentivos) não teria se tornado uma forma de enfraquecimento da própria força (revolucionária?) do teatro. Além do mais, e talvez ainda mais imediatamente perigoso, podemos dizer que são obras efetivadas-fomentadas pelo seu potencial de transformação social e de representatividade, e, se estas obras não transformam nada e nem tem capacidade de representar tudo que se

parece necessário, torna-se ainda mais justificável para as próprias plataformas de fomento, a retirada dessas políticas¹. Demandas ontologicamente inatingíveis fazem digladiar-nos. Evidentemente que isso tem impacto nas poéticas, nos movimentos presentes nas cenas, nos gestos delas, nas dramaturgias, nas encenações. Um desespero pela comprovação da importância – política, de identificação e/ou de singularização – que, por excelência, se dirige ao eterno ainda-não-alcançado. E reconheçamos que, caso haja desinteresse em operar sua própria singularidade, rapidamente poderão te questionar qual seu posicionamento, de onde você está partindo, seus antecedentes, seus processos identificatórios etc. O que é muito relevante para desmistificar a suposta neutralidade que beneficia o cânone eurocentrado, sim, sim... mas...

Não importa o quão longe a dramaturgia se empenhe nos processos identificatórios daqueles que integram a cena e dos que serão representados por ela, em algum momento, alguém que assistiu (ou que propositalmente não assistirá) vai dizer que “esse teatro não interessa, porque ele não chega nesta singularidade aqui, e chegar nesta singularidade é mais importante, neste momento.” Teria se tornado o papel das artes cênicas alcançar as singularidades na mesma velocidade em que elas aparecem?! E, indo além, se o valor destas artes está vinculado aos seus alcances de singularização, não se torna coerente, do ponto de vista do artista-proponente, investir numa complexificação e especificação das singularidades presentes em suas obras? Isto tem se tornado um dado relevante nas construções das (micro) poéticas do nosso atual?

Me parece que até sabemos que nada vai se transformar ali no palco (as estruturações de poder, saber e desejo são densas sedimentações, sim?), mas ao menos, junto das contrapartidas e justificativas de projeto, ocorra um “acalento no coração”. E é importante ainda dizer que a presente reflexão não se coloca na posição de criticar algumas situações em favor de outras, separando os casos picaretas dos legítimos²: a ênfase aqui é nessa demanda que tem povoado nossas experiências criativas e nosso automatismo dela.

Tendo em vista os problemas apresentados e os dados envolvidos nestes problemas, proponho uma reflexão norteadas pelo interesse em abandonar o singularizante e o singularizador. A vontade é sincera, e talvez seja um trabalho que pode demorar: tentar fazer alguma coisa que não se afogue na singularização que poderíamos jurar estar nos hidratando.

O cancelamento do teatro e do Neveux

Importante: quem tem ido ao teatro já é partidário da perspectiva que está sendo apresentada ou ainda não foi informado, e cativado, sobre a especificidade de pensamento e de existência que está sendo colocada ali? Quer dizer, nós temos ido ao teatro (alguém tem ido???), esse que se faz hoje, para nos sentirmos contemplados e aliados daquela dor ou daquela perspectiva (revolucionária? Transformadora?) ou nós

vamos ao teatro para que essas autoridades (ainda que somente no que estão se propondo) possam efetivar o trabalho de informar ou ainda produzir afeto, sobre o quer que seja, nos desinteressados e/ou ignorantes? Tem me parecido necessário fazer um questionamento sobre isso. Um questionamento sério.

Os casos são diferentes, alguns têm que ver com a sobrevivência num universo hostil, outros com o poder num ambiente dócil. Mas todos estão presos, voluntária ou involuntariamente, à eficiência, ao que já funciona, ao que faz barulho, à progressão na carreira sem limites, ao mais conformista e partilhado. (Neveux, 2023, p.49)

Talvez seja o caso de questionar o que é que temos ido fazer nas salas de teatro. Tanto como criadores nestes espaços quanto como espectadores... também como pesquisadores, críticos, pensadores, enfim.

Hoje, as obras são mais “críticas” do que subversivas, e essa crítica exerce-se como zelo pela Cidade. As obras não estão tanto às ordens do poder, mas à defesa da sociedade, empenhadas em serená-la, protegê-la (dela própria, se necessário). (ibid, p.80)

São muitos os momentos em que Neveux apresenta as fragilizações de um teatro autodeterminado ao político e ao engajamento, “ao examinarmos o teatro contemporâneo: a política muitas vezes não existe senão na condição de nada desordenar ou perturbar” (ibid, p.21). O teatro nada tem perturbado, ao passo que se apoia nominalmente num ramo que é associado historicamente ao revolucionário e às insurgências. Com Neveux, poderemos dizer que até a perturbação será objeto de disputa, e que isso poderá ocorrer, com sorte, se nos desfizemos desse pacto civilizante, de natureza inofensiva, que produz um teatro que ameniza, que é “recreativo” (p.53), que “educa, civiliza, repara, envolve, agrega” (p. 50). É uma das partes tristes do encontro das poéticas com a política pública e cultural:

Artistas cujos projectos são financiados pelo dinheiro público estão agora sujeitos a uma multiplicidade de obrigações positivas, intervenções e animações, seja nas prisões, seja nas escolas, em troca do direito a criar. Precarizados, eles constituem um exército de reserva disponível para trabalhar de graça, com tempo e largamente culpabilizado [...] nesta perspectiva, a obra tornou-se em si mesma, insuficiente, senão acessória. (ibid, p.51)

Neveux dirá ainda que “a crítica do neoliberalismo no palco pode combinar-se com a sua implantação agressiva nos bastidores” (ibid, p.55). A perspectiva de Neveux sobre o teatro político remete a uma espécie de pessimismo, que muito bem corresponde a alguns pensadores da atualidade. Certos autores se destacam na abordagem pessimista do pós-estruturalismo e das filosofias da diferença, como Franco “Bifo” Berardi, Fred Moten e Stefano Harney, o próprio Slavoj Žižek em “Órgãos sem Corpo”, Andrew Culp em “Dark Deleuze”, dentre outros. Alguns apontamentos dessa dissolução da luta multicomponencial em meio ao favorecimento da individuação já estavam em Félix Guattari, posteriormente ao encontro Gilles Deleuze, e mais enfaticamente a partir da década de 1980.

A relação entre o teatro e a política está em xeque em todo o texto de Neveux. Há uma antibiose entre eles, em que os dois sofreriam danos³. Mas o autor também faz

observações sensíveis à experiência do teatro político, às pessoas envolvidas nele. Aqui, por exemplo, ele faz uma contraposição ao que parece povoar seu livro:

O teatro militante tem sido muito criticado por se dirigir sempre aos “já convencidos”, a comunidades homogêneas. Esta crítica levanta uma questão: é preciso nunca ter passado frio nos intermináveis anos de Inverno, nunca ter conhecido a solidão política, para subestimar a importância destes encontros de consolação ou de mobilização. (ibid, p.85)

Essa colocação de Neveux, numa defesa de algum tipo de saldo com as ações e eventos de agrupamento em que o próprio elo é fortalecido e rememorado, juntamente de suas conquistas e desejos comuns, nos levará, por dedução, a pensar no outro caso, que aqui é muito relevante: o de quem não passou por “anos de Inverno”⁴.

Esses “anos de Inverno” dizem respeito a um período especificado, mas a metáfora pode servir para outros períodos, nos quais alguns anos de levante popular e de transformação social antecederam um período de recessão revolucionária e estagnação das mudanças prometidas. Digo isso porque, mesmo deslocando a metáfora para outros períodos, talvez seja possível dizer que a experiência de “anos de Inverno” não é comum a todas as pessoas, e que esse afeto característico, quem sabe essa amizade⁵, de que Neveux faz uma breve defesa, efetivamente não está presente em todos os agrupamentos. Qual seria a importância de encontros de consolação para os agrupamentos que não passaram por períodos de promessas revolucionárias, pelo estabelecimento de pertencimento político e camaradagem, e pela sequente queda dessas tendências?

Mas “quem disse que eu não tive Inverno?” e “talvez o que seja o Inverno para você não seja o que é Inverno para mim!”... quem sabe “são muitos Invernos, e precisamos respeitar cada um desses Invernos, ninguém deve ser polícia de Invernos”. Em algum momento essa exponencial ramificação (outrora prometida rizomática e não arborescente), talvez original e sinceramente motivada por uma amplificação das correspondências, desnorteia qualquer coisa que nela esteja envolvida.

Singularização surrupiada

Em Deleuze e Guattari a questão da singularidade e dos respectivos processos de singularização é de maior relevância. Para eles, o que há de tão importante no fazer filosófico e analítico é o favorecimento destes processos por meio de operações literais, de improvisações com o que encontramos na realidade. O trabalho de um esquizoanalista (mecânico, operador ou como quiser chamar) não é de fabricar a singularidade, mas contribuir para a experimentação e a diferenciação que poderão (elas sim) levar à singularização. Dito isso, esse operador deve reconhecer que o que é singular aparece. Esse operador deve reconhecer sua própria pequenez em relação aos processos que, com sorte, ele facilita⁶. O singular vai aparecer, está sempre aparecendo ou está em vias de aparecer. E, se o singular aparecerá, e, se pudermos seguir nas demonstrações de D&G, poderemos também compreender que a façanha das formas de

soberania (essas que devemos combater) é precisamente a de cortar as aparições de singularidade, podá-las para que não perturbem, conjuntamente ao endereçamento produtivo de forças, para fins que cabem no que foi e vem sendo sedimentado como produtivo. Com D&G devemos reconhecer que o capitalismo não é meramente castrante, pois quando convir, ele será impulsionador de desejo.

A denúncia é essa: o desejo foi capturado, os processos de singularização foram interrompidos! Um corpo que deseja em maquinação, que foi muito bem-organizado, com forças distribuídas e com finalidade produtiva, nada verdadeiramente tem desejado. O desejo está diminuído de tudo que pode: esse é o status do corpo perdido, sequestrado de suas próprias forças, entorpecido. Isso já era colocado por Antonin Artaud, o pestífero do teatro. Para ele, o processo de restituição da vitalidade raptada seria um processo doloroso. Já podíamos ler nos textos de teatro e nas primeiras poesias:

Parece-me que a criação e a própria vida só se definem por uma espécie de rigor, portanto de crueldade básica que leva as coisas ao seu fim inelutável [...] O esforço é uma crueldade, a existência pelo esforço é uma crueldade. (Artaud, 2012, p.120)

O Teatro da Crueldade foi criado para devolver ao teatro a noção de uma vida apaixonada e convulsa; e é neste sentido de rigor violento, de condensação extrema [...] Essa crueldade, que será, quando necessário, sangrenta, mas que não o será sistematicamente [...] (ibid, p.143)

D&G se inspiram muito em Artaud, seu Heliogábalo e com a ideia de corpo sem órgãos no levantamento da literatura e da pragmática preocupada com os processos de singularização. A crueldade de Artaud é essa necessidade, e reitero, irreduzível, de “extirpar pelo sangue e até o sangue” (Artaud, 2020, p.84) esse enfraquecimento. Ele nos dirá o seguinte já perto da morte: “teria sido preciso que eu cagasse sangue pelo umbigo para chegar àquilo que eu quero” (Artaud apud Virmaux, 2009, p.325). Não me canso dessa citação.

D&G acreditam nos processos de singularização. A tal revolução molecular, almejada por Guattari, é a ampliação demográfica dos acontecimentos singularizantes, destas diferenciações que, cada uma por seu próprio processo e com seu tamanho, contribuiriam simultaneamente para um desmanche que, finalmente e em nível molar, teriam um efeito no campo social.

Se pudermos prosseguir levando em consideração a (não) experiência de Artaud e sua relevância em D&G, podemos entender que o acontecimento de singularização, isto é, essa aparição de um processo de diferenciação ou mesmo de reencontro com as forças adormecidas, será um evento. Pode ser um evento muito pessoal, inclusive. Disse evento, mas posso dizer “ocorrência” – é mais coerente. De modo tático e operacional, para nossa conversa, farei o esforço de diferenciar tipos de ocorrências:

Ocorrência de diferenciação por aleatoriedade ou aparição de singularização: são os casos em que algo diferente “surge”, “brota”, e nesse surgimento é produzido estranhamento e incompreensão nos envolvidos ou próximos dessa aparição. É o caso

da anomalia, da mutação, de uma diferenciação que, pelos seus próprios valores relativos, irrompe mesmo com as condições de corte e de repetição.

Ocorrência de singularização por reativação/reaparecimento das forças: aqueles casos em que algo foi ou tem que ser feito para restituir algum tipo de coisa que foi perdida ou enfraquecida no processo de incorporação ao sistema dominante. É o caso intencional, sim, e é também o caso do efeito de um “acidente” (primeiro tipo de ocorrência) que posteriormente será buscado intencionalmente – exemplo claro disso são as programações de CsO (corpo sem órgãos) em D&G, o tratamento mais literal com a esfumada ideia de Artaud.

Ocorrência de singularização em meio à banalidade ou pelo outsider: é um caso relevante para o filósofo Uno Kuniichi, que diferencia o acontecimento de Hijikata Tatsumi, dançarino e coreógrafo do pós-guerra japonês, e a vontade de Artaud. Segundo Uno, em Hijikata a realização de um corpo intenso, restituído de sua carne e desfeito das automatizações não teria o “risco da destruição”, ele na verdade seria “mais concreto, banal, palpável” (Uno, 2018, p.58), e isso, evidentemente, diz também respeito às diferenças de contexto político, geográfico, social e cultural. Esse terceiro caso é o caso que parece favorecer a pequenez ou quem sabe o menor. O encontro dessa aparição com o que a rodeia é diferente, não aparenta ser tão doloroso, como os supracitados.

Esses tipos de ocorrência estão envolvidos e se confundirão, evidentemente. Eles podem variar de acordo com o ponto de vista de quem experiencia suas presentificações ou as observa. Como disse, a tipificação foi tática, tem somente importância operacional. Pensemos, finalmente, nos aparentes processos de singularização que temos convivido e que vamos conviver no campo expandido das artes cênicas, suas políticas culturais e operações acadêmicas.

Transformo em perguntas, já com a bagagem que temos de Neveux e relacionando nossos cotidianos: qual é o processo de singularização ou mesmo a singularidade com o qual o projeto artístico em questão está a favorecer ou representar? O quão bem-intencionado a este processo é o projeto e, quais os meios de comprovar a contribuição singularizante do projeto? A obra, o formato final (ainda que seja relacional, um conjunto de performances, aberturas de processo ou eventos despreocupados com a espetacularidade), resolve, ainda que momentaneamente, quais singularidades para a(s) instituição(ões) ou agência(s) envolvida(s) no projeto? E mais profundamente, qual a especificidade e o quão desprovida de espaço é essa singularização para que ela deva ter o espaço para que seu processo ocorra, ao invés dos outros, isto é, dos concorrentes no edital ou na curadoria em questão? É importante salientar os detalhes e as intersecções que sequer teriam sido notados... o trabalho se torna, em direção ao infinito numa veloz obsessão, encontrar qual a especificidade que ainda não foi alcançada, e ofertar seu alcance para a instituição que sequer tem essa demanda... desse modo o possível problema, futuro, com relação à representatividade de uma ou outra singularidade que

ainda não produziu demograficamente suas próprias demandas e a respectiva responsabilização institucional, já será sanada. Esta seria a automatização da demanda. Então, que perspectiva crítica será essa aqui (deste texto) que não acredita na autodeterminação de outros modos de existência como forma de atingir outras possibilidades de vitalidade para o desastre que nos encontramos, ainda que empenhada em D&G e adjacentes? Essas vontades todas – de progresso, de singularizar, de criar linhas de fuga, de resistências outras – teria se tornado um diminuidor da perturbação da qual as próprias teorias singularizantes teriam buscado se envolver e contribuir?

“A minha singularização... bom, você não entenderia. Digo: entenda!”

Algo me chamou a atenção enquanto navegava pelo Reddit. Tratava-se de um “incel singularizado”. Seria uma hipérbole? Não sei, mas “encontrei” com facilidade – não estava nas profundezas da plataforma. O título do post é “Sou incel, mas não do jeito que você pensa.” Não introduzo nada sobre o tema antes de citar, na íntegra, o post:

Eu sou LITERALMENTE incel (celibatário involuntário), mas, não sou daquela corja de homens de merda que propagam ódio as mulheres na internet. Acho a "redpill" uma piada, apoio a comunidade LGBTQI+, sou ateu e odeio todas essas figuras bizarras da extrema-direita (Nikolas Ferreira, Coruja do Carvalho, Raiam Santos e o resto da sopa de merda)

Quando você é frustrado sexualmente, é muito fácil e confortável você ser acolhido por essas pessoas e grupos da extrema direita. É muito confortável você achar que o problema são as mulheres, que o problema é a "cultura woke", que o problema é QUALQUER MERDA, menos VOCÊ. Sou incel, mas a diferença entre mim e essas pragas da internet é que eu sei que EU SOU UM MERDA e as mulheres não tem nada a ver com isso.⁷

Poderíamos até supor que alguém se passou por incel para fazer uma espécie de “nanopolítica” de embaralhamento do pertencimento e do próprio conceito incel, numa plataforma em que essas subculturas extremistas e de “underground totalitário” crescem cada vez mais. Mas vamos considerar o que foi publicado, porque mesmo que seja mentira, esse enunciado passou pela cabeça de alguém. O post se trata de um homem com identificação à condição incel – de celibato involuntário, isto é, a compreensão-suposição bem assumida de que ele não será desejado por nenhuma criatura que ele deseja ou desejaria – juntamente da recusa convicta às performances e aos dados subculturais comuns aos que se autoproclamam incels. É curioso, ele separa (para se diferenciar do que não cabe em seu respectivo processo singularizante e de identificação) algumas unidades de composição que, para nós, que colocamos os incels no mesmo saco, estariam aglutinadas nesse agrupamento, até então, homogêneo.

Tratemos o caso supracitado como hipérbole, sim, mas deixemos que ele exercite nosso pensamento sobre essa espécie de “demanda singularizante” que venho demonstrando no presente texto. E é foda, porque a demanda singularizante não cessa de se sofisticar! Considerar ridículo o caso de um incel singularizado pode justamente motivar o aperfeiçoamento da condição pessoal e de especial importância de determinado

processo individual. E isso tudo pode (sempre) ir além das condições que estamos pessoalmente envolvidos. Boa parte da importância é ir além das condições.

Tornar-se planta que a botânica nunca catalogou, realizar alianças num devir-animal com espécies desconhecidas (buscar ou inventar as desconhecidas), novíssimos totemismos, assumir que seremos juntos o último cogumelo no fim do nosso mundo – e reconhecer nossa incapacidade de efetivar quaisquer uma dessas coisas pelos limites de nossa humanidade. É isso e ainda muito mais, em ressonância e em bricolagem, ricos em especificidade e em motivos para não confundirmos as estimadas abordagens. São os futuros outros, os pequenos modos de existência, os hackeamentos, as fabulações, as zonas a defender e autônomas ainda que temporárias etc.

Faço parte, em se tratar de geração e de mercado de trabalho, desse cotidiano, tão acadêmico quanto subversivo, tão global quanto nanopolítico, em que as apostas parecem estar nos processos singularizantes e na apreciação dessas singularidades. De todas elas, pois se não for o caso de apreciação, não é tão singularizante assim, e, se não atingiu tamanha singularidade, não será apreciado. Vejamos: a interseccionalidade e a micropolítica se encontraram e injetaram cristal, cheiraram pó, molharam todos os dedos no Michael Douglas e tomaram litros de energético. O que importa é ser diferente, quer dizer, ser você mesmo, isto é, procurar se encontrar, digo, se perder de quem você é... se decida, se posicione. Não, não podemos aceitar seu posicionamento! O eu que também só pode ser em relação ao outro, embora vocês nunca estejam no mesmo barco por conta das diferenças fundamentais entre vocês! Saiba seu lugar, ocupe novas possibilidades. Quantos graus de especificação??! Quantos? O sapiosexual é uma identidade legítima ou é um modo elitista e potencialmente racista de assumir a repulsa por pessoas menos intelectualizadas????!!

Acho que derraparemos em breve. Será que eu perdi nosso tempo nisso aqui (falarei de mim antes que um agente secreto do posicionamento apareça no meu quarto, enquanto eu durmo, para me cobrar qual meu envolvimento nisso, uma vez que talvez o que está contido no aqui sequer será compreendido como o envolvimento em si)? Digo isso porque talvez a própria perspectiva crítica às demandas singularizantes há de conter um capital simbólico que rapidamente é convertido em saldo para a própria maquinaria que venho reclamando. Talvez meu erro tenha sido há muito mais tempo na verdade, quando, ao invés de buscar a singularidade que me cabe ofertar (fenda labial? O cotidiano dessa condição na primeira infância?), para a apreciação de espectadores e avaliadores de projeto (que poderiam se compadecer ou considerar irrelevante a minha questão), acabei me envolvendo no que se expressa nesse texto aqui, desde “Dissolução festiva: geração z”, em 2019, passando por “Foda-se eu” (2023) e o atual “Nada nos acontece” (2025). Aos poucos fui entendendo esse interesse, que é meu, mas não é só meu, e que é também um ato de, com rigor, nos desinteressarmos.

Nanopolíticas & Demandas singularizantes

Talvez estejamos sim vivendo um Inverno, mas estamos muito bem ocupados passando protetor solar para nos proteger da saturação do sol.

Quantas pessoas, no teatro, não encenam tanto a política quanto se encenam a si próprias a encenar a política. (Neveux, p.82, 2023)

Não vou tão somente dizer o que já era óbvio para o próprio Guattari – que o campo social não está sendo atingido pelos diversos minoritários que aparecem em meio ao estruturante – e com isso também dizer que devemos esquecer as questões pessoais para que o retorno triunfal da coletividade aconteça⁸. Ainda que uma diferenciação entre “vilaristas” e “brechtianos” seja interessante (Neveux, 2023, p.89) para analisar como foi a transição do paradigma político-revolucionário para o micropolítico-singularizante, não teremos o tempo adequado para fazer isso aqui. Mas esboços foram feitos, estão sendo. O que vale dizer, ainda assim, é que a diferença entre esses dois casos seria a da escala política com a qual a obra está envolvida, que é também a diferença de onde partiria o assemble e de onde se forjaria alguma possibilidade revolucionária. Para os chamados vilaristas, a vontade é a da aproximação entre os divididos, por meio da contemplação dos variados descontentamentos que as pessoas expressariam (que vão variar, inclusive, pelos dados de hierarquia, estruturalmente), seguindo uma lógica de “devolução”, um intuito que se efetivaria pelo investimento em todos esses pontos focais. Para os que estão sendo chamados de brechtianos, a perspectiva crítica é precisamente que a divisão das classes é e tem sido o problema estrutural com o qual não se fará nenhum tipo de concílio, isto é, sem essa primeira intenção, não se faz nenhum trabalho. Neveux não parece tão simplesmente preferir uma à outra.

Se o teatro não tem verdadeira possibilidade de transformação nas estruturas e se o seu potencial revolucionário já se encontra soterrado pelo poder das outras linguagens e mídias (redes de streaming, X de Elon Musk, TikTok etc), qual é efetivamente o tamanho de transformação de absolutamente qualquer coisa numa sala de teatro?! Ao que tudo indica a escala operacional do teatro é o indivíduo, é a pequenez da experiência individual, ainda que compartilhada. Se, por acaso, decidíssemos que a única importância do teatro é a sua capacidade transformadora da realidade, com efeitos molares, acabaríamos por desistir dele ou produziríamos nossas encenações em meio ao delírio de que isto se realizará, ou pior, que já estaria se realizando. Quando falo de pessimismo com o teatro e a dança, diz respeito a uma perspectiva depois disso, mas que é também uma espécie de antes.

Se não escrevo aqui por acreditar no potencial transformador do teatro na molaridade e nem por me encantar pelos processos singularizantes que compoariam uma revolução molecular (talvez a dicotomia que tem povoado nosso fazer teatral seja a desses dois casos?), o que estou procurando?! A resposta, ainda que provisória: um projeto

negativo. Rapto o “projeto negativo” do contexto insurgente de ação direta. Há uma definição interessante num livro composto por diversos textos dessa natureza, e faço a citação da introdução ao panfleto “Ai Ferri Corti”, de 1998, que foi distribuído na Itália⁹:

A insurgência contra esta realidade [...] baseia-se num projeto negativo, de recusa e destruição, porque não se pode procurar fazer a autogestão de instrumentos de dominação sem correr o risco de que eles continuem a ser utilizados com o fim para o qual foram concebidos. É nesse sentido que isso colide com qualquer projeto de reforma da realidade, dando-lhe apenas novas formas e adornando-a com novas cores. (Anônimo, 2019, p.29, grifos meus)

Logo antes desse excerto, este anônimo disse que somente “através de um ataque constante se criam as condições para essa descoberta”, trata-se de uma “forma de repulsa, como repulsa em participar” (ibid). Há, de fato, nesse texto e em outros desse cunho insurrecional, proposições que tem como intenção efeitos reais ao que foi fundamentado e sedimentado (o que os torna textos insurrecionais, justamente), partindo de uma perspectiva pessimista da realidade e das atuais proposições revolucionárias. São textos mais ligados à ação direta do que com um programa revolucionário, mas isso não significa que se trate de um sofisticado niilismo, por mais que os acusem disso.

A breve definição de “projeto negativo” pode nos ajudar a elaborar o que quer que pode ser uma prática de pessimismo com o teatro, a dança, a performance etc., uma vez que esses formatos podem estar com um status de sepultados pela demanda singularizante. Tendo em vista o que foi demonstrado e explorado no texto, a proposta já é esperada, o projeto negativo será esse: destruir e recusar a demanda singularizante e tudo que se convencionou com ela. Criar algumas coisas que não estabeleçam seus fins baseados no singularizante autorreferenciado (independentemente da roupagem), desfazer a busca por especializar e por especificar a singularidade do que está envolvido na obra... quiçá considerar que o trabalho estaria além, ou melhor, aquém, da singularização. E isso não significa que a singularidade não ocorrerá – como vimos em D&G, ela sempre está em vias de ocorrer ou já ocorrendo pela própria natureza, pelas próprias condições de existência –, isso significa somente que o artista (ou qualquer termo que preferir nominar) não se empenha nem se empodera pela qualidade singularizante do que está sendo operado na criação.

Pode ser uma tarefa simples!!! Mas tenhamos em vista no que estamos envolvidos: os desdobramentos da vontade deleuzoguattariana e do pós-estruturalismo nos campos artísticos e acadêmicos (ainda que ocultados, recusados ou como enfeitamentos teóricos) em favor da existência diferenciadora e pela busca por perspectivas outras, um neoliberalismo que muito bem receita a sofisticação da individualidade como meio de produção de subjetividades mais bem compreendidas e valorizadas, e os diversos modos como nós temos precisado, desesperadamente, justificar a existência de nossas obras por outras importâncias além das obras em si. Frente a tudo isso, me parece necessário um gesto de razoável intensidade. Estou chamando esse gesto de projeto negativo, ou,

quem sabe, num projeto negativo encontraríamos um conjunto de gestos desses. Podemos chamar estes gestos de golpes.

Um projeto negativo não tem como formato final um texto como este aqui, nem um espetáculo chamado “Projeto Negativo”. Um projeto dessa qualidade, a qual estamos pensando agora, deve retomar o respectivo interesse deleuzoguattariano de uma atividade de embaralhamento de códigos que cria o contraproducente... se devemos fazer alguma coisa, essa coisa precisa partir de um ou mais lugares, das convenções desses lugares e das operações presentes nesses lugares. Um projeto desse precisa pouco se foder para as singularidades, ao passo que não deseja aniquilá-las. Deixem elas lá, no plano delas!!! Esse projeto é um jeito de pensar e colocar em relatividade as coisas. O que quer é desvirtuar o empoderamento que jura envolver-se nas singularidades e favorecê-las. E sim, talvez seja difícil não sucumbir ao singularizante, pois ele faz sentir que fizemos nossa parte, e que, se não pudemos fazer, é porque o entorno ainda não compreendeu a importância do que estamos fazendo ou podemos fazer.

E isso tudo significa ir contra as nanopolíticas da e na cena – essas versões ainda mais segmentárias das micropolíticas, que são como uma trama, mas muito mais enroscada e com muitos nós, formada por centenas de fios que estão em cabos de guerra entre si e em todas as direções. Algo assim. Um projeto negativo precisa marretar as convenções, os mecanismos de manutenção do paradigma singularizante, dessa contínua autogestão da importância ultraespecificada e ultraespecificante, onde todo o processo criativo está instrumentalizado em defesa de sua própria instrumentalização. E torço para que possamos retomar sempre que for necessário: que merda é que nós estamos fazendo?!

NOTAS

1 - Cabe a observação dos editais de fomentos às artes da cena, os prêmios de incentivo e até mesmo os recortes curatoriais de instituições de difusão das artes da cena.

2 - Alguém realmente poderia se colocar na posição de fazer essa avaliação e distinguir esses casos? Fazer isso já não compõe o problema?!

3 - A definição de antibiose é a de um amensalismo (uma relação ecológica interespecífica desarmônica) entre micro-organismos. Fato é que na antibiose uma espécie acaba por dificultando a existência de outra, por vezes aniquilando-a. É uma relação de dano unilateral, em que a experiência da espécie que causa o dano é neutra, mas, por aqui, preciso dizer que a metáfora é a de um enfraquecimento simultâneo: a política se enfraquece quando tratada pelo teatro e o teatro se enfraquece por colocar-se como político. Um outro termo da ecologia para uma relação interespecífica desarmônica é a competição, nela, as duas partes envolvidas sofrem danos por competirem pelos mesmos meios de sobrevivência.

4 - Félix Guattari sobre os anos de inverno: “Sou daqueles que viveram os anos 1960 como uma primavera que prometia ser interminável; tenho, aliás, certa dificuldade para me acostumar com este longo inverno dos anos 1980! [...] nada garante que a este inverno não sucederá um novo outono ou até um inverno ainda mais rude!” e no mesmo livro, mas antes, no prefácio de François Cusset, está dito que “esses anos de inverno são os de uma retórica perversa da crise como chance histórica de tornar-se finalmente modernos e competitivos, por meio de uma dialética que nada perdeu de sua violência duas décadas depois.” (Guattari, Félix. Os anos de inverno 1980-1985.

Traduzido por Felipe Shimabukuro, São Paulo: n-1 edições, 2022)

5 - Para o Comitê invisível o conceito-prática de “amizade” é de grande importância: é o encontro entre os insurgentes, de modo a criar modos de conviver e existir no mundo do modo que o encontramos. Essa amizade atravessaria fronteiras, uma conectividade rizomática, onde os manifestantes antiextradição de Hong-Kong são amigos dos integrantes da explosão social do Chile – é esta a relação entre eles. Isso aparece nos livros “Motim e Destituição Agora” e “Para nossos amigos – Crise e insurreição”.

6 - As tarefas da esquizoanálise em “O anti-Édipo” são: destruir as crenças e as estruturas com as quais não se pode fazer nenhum tipo de acordo (tarefa negativa ou destrutiva); favorecer as experiências de diferenciação do desejo e do cotidiano que potencialmente já estão ali (primeira tarefa positiva); reincidir no campo social, isto é, observar e operar as estruturas do campo social que estariam produzindo a diminuição do desejo e da vitalidade (segunda tarefa positiva).

7 - O autor deletou sua conta, sequer conseguimos citar seu apelido na plataforma.

Disponível (não sei por quanto tempo) em:

https://www.reddit.com/r/desabafosdavida/comments/1knkml/d/sou_incel_mas_n%C3%A3o_do_jeito_que_voc%C3%AA_pensa/

8 - “Mas se não é o singular, é o que?! Só pode ser o coletivo”. Não é nisso que reside o que estou exercitando aqui, ainda que, com sorte, esses diferentes investimentos possam ser concomitantes – um retorno ao revolucionário e em comunidade, e os golpes ao singularizante – mas não são a mesma coisa.

9 - A publicação, realizada pela GLAC edições, em 2019, conta ainda com os manifestos “Appel” (França, 2003), “Hello” (EUA, 2013) e “How To Start a Fire” (EUA, 2015).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANÔNIMOS. Chamada: imaginação radical do presente. São Paulo: GLAC Edições, 2019.

ARTAUD, Antonin. O teatro e seu duplo. Traduzido por Teixeira Coelho. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. Para acabar com o juízo de Deus. Organizado por Alex Galeno. Tradução de Olivier Dravet Xavier. Belo Horizonte: Moinhos, 2020.

AUTOR DESCONHECIDO. Sou incel, mas não do jeito que você pensa. [postagem em Reddit]. Reddit, 15 de maio de 2025. Disponível em: <
https://www.reddit.com/r/desabafosdavidia/comments/1knkmlD/sou_incel_mas_n%C3%A3o_do_jeito_que_voc%C3%AA_pensa/>. Acesso em: 24 de outubro de 2025.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1. Traduzido por Luiz B. L. Orlandi. 2ª edição. São Paulo: Editora 34, 2011.

Guattari, Félix. Os anos de inverno 1980-1985. Traduzido por Felipe Shimabukuro, São Paulo: n-1 edições, 2022

COMITÊ INVISÍVEL. Aos nossos amigos – Crise e insurreição. São Paulo: n-1 edições, 2016.

_____. Motim e Destituição Agora. São Paulo: n-1 edições, 2020.

NEVEUX, Olivier. Contra o Teatro Político. Traduzido por Edmundo Cordeiro. Porto: Teatro Nacional São João e Edições Húmus, 2023.

UNO, Kuniichi. Hijikata Tatsumi: pensar um corpo esgotado. Traduzido por Christine Greiner e Ernesto Filho. São Paulo: n-1 edições, 2018.

VIRMAUX, Alain. Artaud e o teatro. Traduzido de Carlos Eugênio Marcondes Moura. 2ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2009.

